

# Entre o passado e o presente: antigos naufrágios e a questão migratória contemporânea. Uma abordagem etnoarqueológica sobre o Mediterrâneo

*Between past and present: ancient shipwrecks and the contemporary migration issue. An ethnoarchaeological approach over the Mediterranean*

**Letícia Aga Pereira Passos\***

**Resumo:** Este artigo visa a estabelecer um panorama compreendendo a Arqueologia do Mediterrâneo e a Etnoarqueologia, a fim de discutir temas como migração, memória e temporalidade. O estudo das sociedades contemporâneas e sua relação com o mundo material pode auxiliar na compreensão das interseções entre o passado e presente de sociedades que vivenciaram o mesmo espaço geográfico do Mediterrâneo. Dessa forma, exploraremos o cenário das navegações, com foco específico nos naufrágios. Embora tais fenômenos ocorram por motivos diversos, são sentidos e expressos por diferentes sociedades, oferecendo interpretações arqueológicas sobre o passado e, ao mesmo tempo, servindo como uma possibilidade de arqueologia do presente.

**Abstract:** The paper aims to establish an overview comprising Mediterranean Archeology and Ethnoarchaeology to discuss themes such as migration, memory, and temporality. The study of contemporary societies and their relationship with the material world can help to understand the intersections between the past and the present of societies that lived in the same geographical space of the Mediterranean. So, we will explore the navigation scenario, focusing on shipwrecks. Although such phenomena occur for different reasons, they are felt and expressed by distinct societies, offering archeological interpretations of the past, beyond serving as a possibility of archeology of the present.

**Palavras-chave:**

Arqueologia do Mediterrâneo.  
Etnoarqueologia.  
Migrações.  
Naufrágios.  
Memória.

**Keywords:**

Archaeology of the Mediterranean.  
Ethnoarchaeology.  
Migrations.  
Shipwrecks.  
Memory.

---

Recebido em: 03/05/2024  
Aprovado em: 12/08/2024

---

\* Doutoranda em Arqueologia no Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP). Graduada e Mestra em História pela Unesp.

## Introdução

**E**m seu contexto espacial e geográfico, a Bacia do Mediterrâneo tem abrigado uma vasta diversidade de povos ao longo de um extenso período histórico, compreendendo desde os primeiros assentamentos e migrações do Paleolítico e Neolítico até a participação das comunidades em questões sociopolíticas que afetam o mundo contemporâneo. A análise dessa região abarca perspectivas históricas, ecológicas, geográficas, socioambientais, político-econômicas, entre outras.

No âmbito da Arqueologia, a Bacia do Mediterrâneo constituiu terreno fértil para diversos estudos ao longo do século XIX, com análises que abrangem desde temas sobre Antiguidade Clássica, relacionados a antigas sociedades que se desenvolveram e se expandiram nos territórios banhados pelo mar, até a Arqueologia do Passado Contemporâneo, incluindo contextos migratórios e mudanças climáticas. O Mar Mediterrâneo é palco histórico de fluxos e movimentações, envolvendo pessoas, animais e bens materiais, que circulam via mar e terra, evidenciando suas interconexões com as regiões continentais circunvizinhas.

Assim, a região propicia um debate analítico profundo, com discussões políticas e sociais altamente contemporâneas e discussões teóricas em curso nas Humanidades (Cerqueira, 2018, p. 74). Migrações e mobilidades, contatos coloniais e pré-coloniais, interculturalidade e hibridização, diásporas e (des)colonização, violência bélica, negociações comerciais e casamentos interétnicos, conflito e coabitação são temas atuais que auxiliam na compreensão do mundo contemporâneo e da Antiguidade (Cerqueira, 2018, p. 74). Por exemplo, muitas notícias recentes abordam alguns desses temas, especialmente no cenário de emergência humanitária. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), ano após ano, o Mediterrâneo continua sendo a rota migratória mais perigosa do mundo, com alta taxa de letalidade (Craveiro, 2023, *on-line*) (Figura 1).

**Figura 1** - Manchetes de notícias sobre naufrágios antigos e atuais no Mar Mediterrâneo



Fonte: Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/12-naufragios-sao-descobertos-na-antiga-rota-comercial-do-mediterraneo.phtml> e <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/06/naufragio-que-deixou-ao-menos-79-migrantes-mortos-ocorreu-onde-mediterraneo-tem-maior-profundidade.ghtml>. Acesso em: 07 ago. 2024.

Propomos detalhar alguns desses temas, explorando-os segundo a perspectiva de Alfredo González-Ruibal, em seu artigo *The past is tomorrow. Towards an Archaeology of the vanishing present* (2006). Para o autor, presente e passado não devem ser concebidos hierarquicamente – o primeiro o serviço do segundo ou vice-versa – nem devem ser estritamente separados ontologicamente. A Arqueologia do Presente não deve ser vista como uma prática analógica, que busca em culturas vivas inspiração para compreender outras mortas (González-Ruibal, 2006 p. 123). As relações de comunidade no Mediterrâneo, compostas por seres humanos, animais e coisas, entrelaçam-se com as texturas da vida cotidiana, perpassando pela natureza complexa do tempo e enredando-se nas coisas e na paisagem. Dessa forma, rompemos com as dicotomias entre passado e presente e material e imaterial, tendo como bases essas diferentes propostas em se pensar a Etnoarqueologia.

A fim de destacar a importância das novas perspectivas arqueológicas desenvolvidas pelos pesquisadores brasileiros, descreveremos inicialmente o contexto historiográfico dos estudos sobre o Mediterrâneo, incluindo algumas abordagens/recortes temporais abarcadas pela Arqueologia, entre elas, a Arqueologia Clássica.

A esse respeito, um minidocumentário desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) evidencia a importância do Mar Mediterrâneo para os pescadores que habitam a cidade de Siracusa (Itália), ao mesmo tempo que analisa a antiga *polis* grega naquele mesmo espaço, mostrando como as ruínas e as memórias dos antepassados ainda estão presentes no cotidiano dos locais. O filme mostra como o mar, em seu contexto de migração, navegação e clima, afetava diretamente as dinâmicas das populações antigas, que continuam até os dias atuais, embora com diferentes características (Labeca, 2020, *on-line*). A partir disso, discutiremos sobre os naufrágios antigos e contemporâneos e sobre os processos de migração, comunicação e movimentação conectados pelo mar.

Com o uso da Etnoarqueologia, podemos ir além de correlacionar comportamentos etnográficos e arqueológicos, empregando a abordagem como instrumento útil para constatar as possíveis variabilidades e mudanças culturais ocorridas ao longo do tempo (Silva, 2009, p. 127). A partir da Arqueologia do Presente, é possível compreender a relação dos homens com o mundo material no tempo atual, contribuindo para o debate antropológico sobre a relação dos seres humanos com os objetos e a materialidade (Silva, 2009, p. 135).

Para nos aprofundarmos na discussão sobre os naufrágios atuais do Mediterrâneo, também utilizaremos o trabalho de Yannis Hamilakis, nos artigos *Decolonial archaeologies: from ethnoarchaeology to archaeological ethnography* (2016), e *Decolonial archaeology as social justice* (2018), visando a refletir sobre o papel da Arqueologia como uma disciplina não mais preocupada em se designar como uma Ciência – problemática tão cara aos pesquisadores do século XX –, mas com função e espaço nas discussões e problemáticas político-sociais, detendo bases sólidas para os debates do mundo contemporâneo.

## **O mundo do Mediterrâneo: conceitos, historiografia e aplicações**

Em seu significado mais simples, a Bacia do Mediterrâneo é constituída pelo mar que conecta os continentes africano, asiático e europeu. O Mar Mediterrâneo estende-se desde o Marrocos até a costa da Síria, costado por montanhas, cordilheiras, planícies, áreas férteis e desérticas (Figura 2). Mais do que uma simples porção de mar que conecta territórios, o Mediterrâneo deve ser visto como um espaço que inclui elementos de diferentes esferas, como barreiras físicas territoriais, clima, vegetação, contexto de navegação etc., aspectos que norteiam diversos estudos sobre a região (*Mediterranean Politics*, s.d., *on-line*).

O Mediterrâneo é composto por arquipélagos, que incluem ilhas grandes, como Sicília, Sardenha, Creta e Chipre, e outras tantas pequenas que, de acordo com pesquisas recentes – como os trabalhos de Constantakopoulou (2017) e Gordon (2018), têm gerado resultados muito interessantes no campo da Arqueologia.

**Figura 2** - Mapa do Mar Mediterrâneo



Fonte: Guia Geográfico (*on-line*).

Essas ilhas foram largamente utilizadas como pontos de atracagem e habitação ao longo dos séculos, configurando noções de proximidade e distanciamento dentro da história do Mediterrâneo (Clement, 2012, p. 2). Partindo de várias vertentes, é perceptível que o estudo do Mediterrâneo se constitui como um quadro complexo de análise. Não é por acaso que, segundo Mayén (2012, p. 156), há uma contínua revisitação ao clássico modelo historiográfico de Fernand Braudel para interpretar algumas realidades sociais e históricas que permeiam a relação do homem e seu espaço.

Fernando Braudel, historiador francês, representante da Escola dos Annales e autor da clássica obra *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II* (1983), estudou a relação humana ao longo do tempo, evidenciando três velocidades históricas: larga, média e curta duração. O autor também abordou o tema das polaridades competitivas, discutindo as diferenças e semelhanças fundamentais entre as culturas que se desenvolveram em regiões distintas. A obra de Braudel é essencial para entender que a paisagem é algo construído e concebido tanto por seus habitantes como pelo meio físico natural.

Peregrine Horden e Nicholas Purcell (2000) enriquecem essa discussão com a obra *The corrupting sea*, ao proporem uma abordagem que afasta a unidade enfatizada por Braudel e coloca a diversidade do mundo mediterrâneo como centro do debate. Os autores enfatizam a inserção das noções de variabilidade e diversidade no estudo das microecologias do Mediterrâneo. Essas microecologias possibilitaram a criação de redes de conexões e zonas de comunicações, contrariando a proposta geo-histórica de Braudel e seu enfoque no isolamento, caracterizado pelas migrações sazonais.

Devemos ressaltar que, após as discussões propostas pelos autores mencionados, novas questões e reflexões foram adicionadas ao debate, gerando profundos entendimentos atuais sobre o tema. Destacam-se recentes contribuições, como a análise super-síntese do arqueólogo britânico Cyprian Broodbank, *The making of the Middle Sea: a history of the Mediterranean from the beginning to the emergence of the Classical World* (2013), que examina o Mediterrâneo desde a pré-história, há 1,8 milhões de anos, até 500 a.C. Também são relevantes estudos como os de Tamar Hodos,<sup>1</sup> arqueóloga e especialista no Mar Mediterrâneo, sobre o papel do mar na locomoção e no movimento das populações da região. É interessante destacar que o Mediterrâneo permite as conexões entre suas microrregiões, transformando as comunidades que vivem em suas costas e nos territórios que se conectam a essas áreas (Hodos, 2020, p. 4). Assim, os movimentos das águas e dos ventos do Mediterrâneo moldam o ritmo e a direção da mobilidade e, portanto, da conectividade em qualquer momento histórico.

Na perspectiva da Antiguidade, escritos antigos, como os de Estrabão, Platão e Heródoto, entre outros, já foram foco de análise para se entender o Mediterrâneo. A ideia de se destacar o mar e seus contornos físicos está presente nas reflexões e pensamentos desde os tempos remotos, sendo que o Mediterrâneo era frequentemente visto como facilitador ou barreira da comunicação, como fonte ou não de alimento, o que evidencia suas variáveis e transformações ao longo do espaço e tempo. Da mesma forma que não há apenas uma identidade dentro desse contexto, também não há apenas uma arqueologia, mas várias arqueologias mediterrâneas. Isso possibilita a criação de um vasto e complexo panorama para o entendimento da Antiguidade Clássica.

Embora não seja nosso objetivo abordar todos os debates sobre as mudanças historiográficas do tema, destacamos uma ideia: o estudo do Mediterrâneo constitui um quadro analítico complexo e com modificações constantes, a partir de novas análises para os problemas atuais. Os estudos sobre o Mediterrâneo realizados por pesquisadores de regiões periféricas, como o Brasil, têm introduzido novas perspectivas, contribuindo

---

<sup>1</sup> Alguns importantes trabalhos da autora são: Hodos (2020; 2022).

para a crítica às abordagens tradicionais, percebidas nos discursos coloniais, buscando desconstruir dicotomias e paradigmas estabelecidos.

No contexto das identidades culturais, Norberto Guarinello, por exemplo, considera que estas passaram a ser vistas como construções sociais, envolvendo processos de inclusão e exclusão e com foco na descrição de grupos e de seus modos de ação no Mundo Antigo. Ainda para o autor:

Desse modo, desfizeram-se nos últimos anos as noções de uma identidade grega, ou mesmo romana, como entidades fixas, ressaltando sua instabilidade ao longo do tempo, seus processos de criação e mudança, sua eficácia social. Aplicada ao Império Romano, as teorias da identidade desconstruíram a ideia de uma identidade romana imutável, imposta às províncias, a qual se deveria aceitar ou rejeitar em bloco. O Império passou a ser visto como um jogo de múltiplas identidades em diálogo, como um sistema de comunicação comum (Guarinello, 2010, p. 116).

Demonstramos como o ensino da História Antiga no Brasil, assim como seus estudos e pesquisadores, têm desenvolvido novos caminhos metodológicos, visando a interpretações dinâmicas e plurais sobre os contatos culturais e as dinâmicas das sociedades antigas. No Brasil, nos últimos anos, as aplicações da disciplina de Antiguidade têm experimentado um crescimento sem precedentes, comprovado pelo aumento significativo de livros especializados e artigos científicos disponíveis em língua portuguesa sobre o assunto, bem como pela elevação no número de pesquisadores dedicados ao estudo das sociedades antigas em todos os níveis de formação acadêmica (Silva, 2014, p. 4).

Todavia, são perceptíveis os desafios enfrentados, como a falta de profissionais qualificados nos cursos de graduação, acarretando repercussões duradouras na carreira dos futuros licenciados, e a constante tentativa das instituições governamentais de educação de reduzir a carga horária da disciplina História para os alunos do ensino regular. Nesse sentido, o tema da Antiguidade parece ser particularmente afetado, uma vez que, ao carregar a bandeira de algo ultrapassado e preso ao passado, está sujeito à marginalização dentro da disciplina, o que resulta em desestímulo para os estudantes.<sup>1</sup>

Sabemos, no entanto, que a Antiguidade oferece questões valiosas para se refletir sobre a realidade presente. Algumas tendências recentes de interpretação do Mundo Antigo, por exemplo, consideram que o Império Romano passou por um longo processo de integração de povos e culturas distintas em torno do Mediterrâneo, o que poderia ser visto como uma primeira experiência de “globalização”. Naturalmente, há diferenças

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre os desafios enfrentados pela disciplina História Antiga e a tradição clássica no Brasil, consultar Silva (2014).

pujantes entre a integração produzida outrora pelo poder imperial romano e aquela instituída hoje, mas

[...] seja como for, o importante é tomarmos consciência de que o diálogo entre o passado greco-romano e a atualidade é um exercício intelectual extremamente frutífero e revelador, capaz de nos sugerir temas e abordagens até então insuspeitos (Silva, 2014, p. 18).

Nesse ponto, ressaltamos a importância da Arqueologia no sentido de enriquecer o panorama da educação e da pesquisa no Brasil. Com base na conexão entre passado e presente, no próximo tópico, abordaremos um exemplo de projeto desenvolvido por pesquisadores brasileiros, que busca demonstrar como a Arqueologia Clássica, especialmente em relação ao Mediterrâneo, está mais próxima da nossa sociedade contemporânea do que o senso comum sugere. Também discutiremos o fenômeno dos naufrágios e suas dinâmicas nas sociedades antigas e atuais.

### **O Mar Mediterrâneo: entre o trágico e a construção da memória no contexto de navegação**

Fundado em 2006, o Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) visa a aprofundar e difundir pesquisas sobre a sociedade grega, através da análise do espaço na cidade antiga. Com sede no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), o laboratório desenvolve os projetos temáticos *Cidade e território na Grécia Antiga: organização do espaço e sociedade* e *a organização da 'khóra': a cidade grega e sua hinterlândia*, ambos apoiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) (Labeca, s.d., *on-line*).

Um desses projetos traz o minidocumentário *Siracusa, cidade antiga* (Labeca, 2020, *on-line*), que explora a maior *polis* grega na Sicília, mostrando a visão de seus habitantes contemporâneos locais em relação a esse passado, suas atividades cotidianas e conexões com o Mar Mediterrâneo. O filme deixa claro que, desde a Antiguidade, o mar e seus contornos físicos foram centrais nas reflexões e pensamentos, servindo como facilitador ou barreira da comunicação e como uma fonte ou não de alimento, revelando suas variáveis e transformações ao longo do espaço e tempo.

O estudo das ilhas e das questões de insularidade na Arqueologia têm trazido resultados variados e mudanças historiográficas significativas. Merecem destaque, por exemplo, as pesquisas sobre questões climáticas e globais que utilizam as ilhas como cenários de estudo. As ilhas do Mediterrâneo também fornecem subsídio aos



trabalhos sobre movimentos migratórios, gerando reflexões político-sociais do mundo contemporâneo.

No campo da Etnoarqueologia, por exemplo, podemos citar os trabalhos de Yannis Hamilakis, que abordam especificamente o fenômeno da migração forçada, amplamente noticiado na Europa nos últimos anos. O autor mostra como a Arqueologia desempenha um papel central na compreensão dessa temática. Segundo Hamilakis (2016, p. 680), à medida que a travessia é cada vez mais realizada por mar em jangadas sobrelotadas, devido ao bloqueio das rotas terrestres por muros e cercas, o Mediterrâneo se transforma em um cemitério, com as suas costas repletas dos vestígios materiais desta experiência: coletes salva-vidas, peças de vestuário, calçados, brinquedos, pequenos objetos pessoais e até mesmo corpos humanos.

Os naufrágios antigos no Mediterrâneo também expõem um quadro diversificado, apresentando-se como palco de múltiplas interações sociais entre as comunidades antigas, de modo a oferecer um complexo campo de investigação para a Arqueologia Clássica e para a Arqueologia Subaquática. Esses trágicos acidentes evidenciam questões relacionadas a movimentações migratórias, busca por alimentos, trocas comerciais e até mesmo reflexões sobre a morte para o Mundo Antigo. Ao discutir sobre os epitáfios sobre a morte no mar no imaginário grego, Camila Alves Jourdan (2020) examina como esses eventos são registrados na documentação textual acerca daqueles que faleceram no mar. A autora analisa a relação entre a construção de uma memória do defunto nos epigramas e a ausência ou destruição dos corpos para o rito funerário.

As navegações, por exemplo, estavam conectadas ao ambiente próprio do Mediterrâneo, onde os ventos exerciam um papel fundamental na prática naval realizada pelos gregos, uma vez que a vela era um componente essencial na atividade náutica. Sem os remos, somente o vento poderia mover a embarcação. Em condições normais, durante o verão, o Mediterrâneo é dominado por um sistema de alta pressão atmosférica, enquanto durante o inverno, o regime se inverte e se torna irregular (Arnaud, 2005, p. 15-16). Essa situação se torna mais complexa quando analisada em detalhes, pois, no Mediterrâneo, os ventos predominantes vêm do Norte ou do Sul e são desviados apenas pelo curso da costa.

Algumas obras descrevem a ação dos ventos vivenciadas pelos helenos. Um desses relatos é o de Heródoto, que faz referência ao retorno de Xerxes para as terras orientais:

Mas, em plena travessia, surpreendeu-o um vento, vindo do Estrímon, forte e tempestuoso. E, como a borrasca aumentasse cada vez mais e o navio estivesse de tal modo sobrecarregado pela presença, na coberta, de numerosos Persas que viajavam com Xerxes, o rei, tomado de pânico, aos gritos, pergunta ao piloto se havia alguma possibilidade de se salvarem (Heródoto, *Historiae*, VIII, 118, 2).

Em relação à ecologia/ambiente físico do Mediterrâneo e aos perigos de se estar sobre o mar, podemos explorar a cultura material, de acordo com a Arqueologia Náutica, tendo o navio como artefato. Segundo Torres *et al.* (2017, p. 119), as informações sobre as matérias-primas utilizadas nas embarcações, as técnicas construtivas, os arranjos estruturais, a forma do casco, o aparelho, a mastreação e o velame podem fornecer uma via de acesso direta à cultura material e à tecnologia náutica contemporâneas ao acidente, possibilitando a utilização desse registro arqueológico em problemáticas locais, inter-regionais e globais de pesquisa.

Destacamos não apenas os navios como frutos de investigação, mas também objetos de transporte, como as ânforas, vasilhames de cerâmica que se tornaram tão emblemáticos quanto os produtos que transportavam. Apesar da recente popularidade dos estudos *longue durée* sobre o Mediterrâneo e a despeito dos inúmeros estudos sobre a arqueologia de ânforas mediterrânicas e do papel desse mar como canal disseminador do comércio e da cultura, poucos trabalhos contemplaram a ânfora como uma embalagem racional, eficiente e longa, inserida no contexto amplo da história dos contentores (Duprat, 2018, p. 161).

Ao intercalarmos a cultura material e as práticas e dinâmicas do Mar Mediterrâneo e sua relação com as comunidades e o ambiente, temos a Etnoarqueologia como ferramenta para entender esses processos na longa duração. Segundo Yannis Hamilakis (2016, p.681), a Etnoarqueologia está longe de ser uma mera subdisciplina arqueológica ou algo do passado. Trata-se da própria definição da Arqueologia em si. A Etnoarqueologia possui uma intrínseca relação com a crítica pós-colonial, uma vez que esta última busca alternativas analíticas não binárias do colonialismo e comunidades locais, contrapondo a visão unilateral e colonizadora da história. Ao compreendermos suas práticas no passado e no presente, encontramos questões que importam não apenas para as comunidades históricas, mas também para comunidades contemporâneas que vivem nos legados ou nas correntes contínuas do colonialismo

O minidocumentário *Siracusa, cidade antiga* descreve o impacto do Mar Mediterrâneo na memória histórica das comunidades e no comércio local. Os pescadores que vivem hoje na cidade, conhecida por eles como *Porto Piccolo* e descrita como “refúgio de todos”, intermediam essa ligação entre o passado e o presente, comentam sobre a vida ligada ao mar e sobre suas memórias antigas: “Eu fiz a mesma vida no mar desde pequeno, dos oito anos, trabalhei no mar até hoje. Trabalhei. Essa é a vida que temos aqui desde sempre. Quando pequeno e quando grande. Agora estamos aqui.”

Quando questionados sobre as mudanças ao longo do tempo, continuam:

Assim, assim, era assim. Mas havia muita gente, muitos barcos, muita gente que trabalhava. Centenas de pessoas. Todos os dias os barcos chegavam, como esses ou maiores, mas sem motor. Se trabalhava, se trabalhava. E se puxava a rede do mar à mão. Se trabalhava da noite até de manhã. E se vendia aqui. Tudo o que se comprava...e depois levava para vender na cidade. Siracusa era pequena. Tinha 40 mil habitantes, agora tem 140 mil.

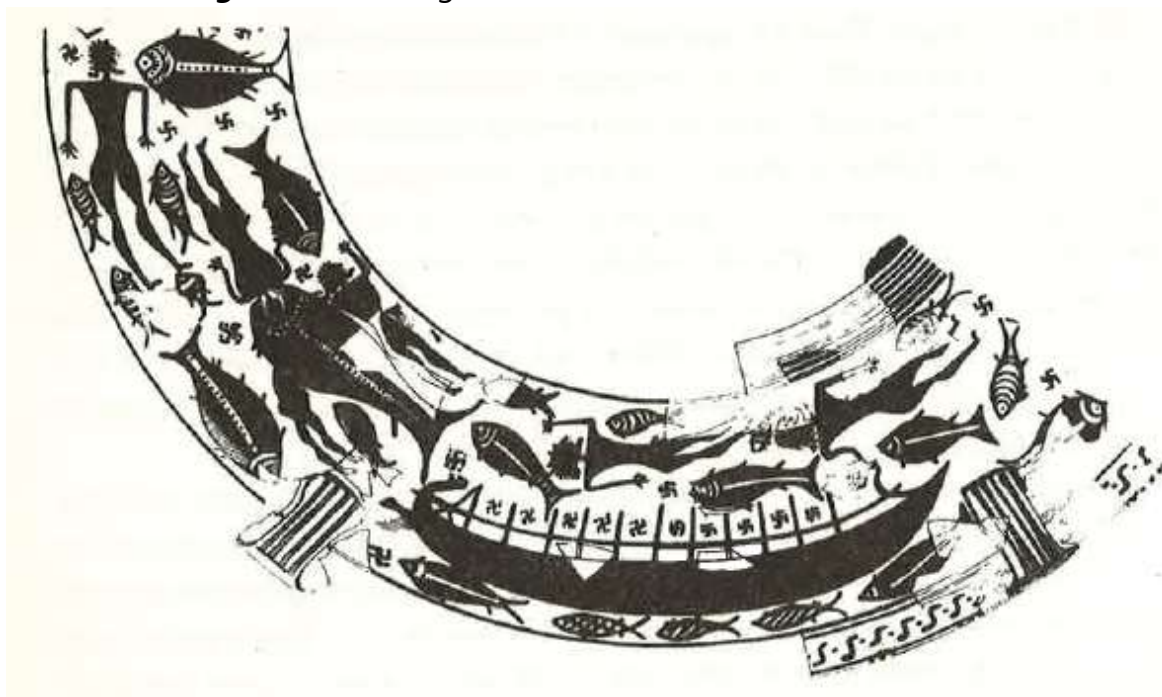
Ao mesmo tempo que os pescadores comentam sobre a expansão habitacional, relacionada com as dinâmicas de território e aspectos históricos, econômicos, sociais e políticos, o filme expõe um panorama da Antiguidade, quando os gregos começaram a fundar a *polis* fora do território grego, no século VIII a.C., aproveitando as rotas comerciais que já conheciam. Ao comentar sobre a importância do mar para as populações antigas, Michel Gras (1998, p. 5) descreve o Mediterrâneo como um cimento líquido, conectando culturas diversas. O autor acrescenta:

As suas águas transportam navios e homens mas, pela força primordial que representam, as massas líquidas poderiam levar-nos ao coração dos mais sofisticados sistemas de representação do mundo. E os Antigos não conseguiram decidir-se a pensar o mar como um objecto, distante e longínquo. Irá figurar nos primeiros mapas do mundo, elaborados então pelos gregos arcaicos.

As populações antigas viam o Mediterrâneo como uma inesgotável reserva de peixes. Além de sua importância para a alimentação e o comércio, o mar também carregava um elo intrínseco com a religião e cultura. Por exemplo, os golfinhos carnívoros eram caros a Apolo e a Dioniso, sendo descritos como "amigos do canto da flauta" (Eurípides, *Electra*, 435), enquanto atuns, igualmente carnívoros (*sarcophagoi*), cheios de sangue, eram oferecidos em sacrifício a Poseidon.

Os antigos eram sensíveis às grandes migrações sazonais e coletivas de peixes (Hdt., II, 93) e outros animais. Ao traçarmos uma linha com o presente, é possível perceber que o comércio da pesca não se conecta apenas com a alimentação, mas também com o cotidiano e com a memória das populações antigas e contemporâneas.

**Figura 3** - Naufrágio em uma cratera de Pitecussai, Ischia



Fonte: Gras (1998, p. 32).

Analisando todos esses parâmetros e informações que, embora se diferenciem, convergem entre passado e presente do Mar Mediterrâneo, podemos utilizar a Etnoarqueologia como uma abordagem interessante, principalmente se considerarmos a perspectiva defendida por Alfredo González-Ruibal (2006), em seu artigo *The past is tomorrow. Towards an Archaeology of the vanishing present*. Segundo o autor, em vez de seguir um caminho focado no que é considerado algo puramente do passado, a Etnoarqueologia pode oferecer uma contribuição significativa para a Arqueologia como um todo, ao abordar a multiplicidade de tempos na cultura que estuda. Segundo González-Ruibal (2006, p. 112):

No entanto, ao fazê-lo, a etnoarqueologia tem, em primeiro lugar, de deixar cair o seu prefixo “etno” e reformular-se como *tour tribunal* da arqueologia: a arqueologia do presente, na medida em que lida com pessoas que estão vivas e coisas que estão em pleno uso, e que aceita que todos os presentes estão emaranhados com uma diversidade de passados em um tempo de percolação.

No contexto dos naufrágios, da movimentação de pessoas, das fronteiras marítimas e de sua cultura material, o mar destaca-se como uma unidade de análise histórica e cultural privilegiada nas discussões sobre o mundo moderno, principalmente ao se analisar o conceito da diáspora sob a especificidade geopolítica e geocultural (Gilroy,

2001, p. 30). Nesse ambiente, os navios, por exemplo, concentram a imagem de um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento, devendo ser pensados como unidades culturais e políticas ao invés de incorporações abstratas do comércio marítimo: “Eles eram algo mais — um meio de conduzir a dissensão política e, talvez, um modo de produção cultural distinto” (Gilroy, 2001, p. 38; 60).

Hamilakis (2018, p. 519) discute a cultura material relacionada às questões dos refugiados e da migração, principalmente através das embarcações clandestinas. O arqueólogo segue a mesma dinâmica proposta por González-Ruibal, ao afirmar que a Etnoarqueologia envolve debates contemporâneos mais vastos sobre a ontologia da Arqueologia, seus fundamentos políticos e seu papel na contemporaneidade. A disciplina deixou de ser uma abordagem arqueológica voltada exclusivamente à compreensão das populações no passado para se transformar em uma possibilidade de entender as populações do presente em termos de suas relações com a natureza e a sobrenatureza (González-Ruibal, 2009, p. 122).

Ampliando ainda mais o debate, a etnografia arqueológica não deve ser vista como um método ou uma subdisciplina, mas como um espaço comum e transcultural de coexistência e interação entre pessoas e comunidades de diversas origens. Nesse sentido, profissionais como arqueólogos, antropólogos socioculturais, artistas e estudiosos de outros campos colaboram em um diálogo contínuo, criativo e produtivo com pessoas e comunidades, com os seus compromissos discursivos e práticos envolvendo matéria e tempo (Hamilakis, 2016, p. 680)

Sobre os naufrágios contemporâneos relacionados à migração em massa para a Europa, o autor afirma que Mediterrâneo tem se transformado em um cemitério, com as suas costas repletas de restos materiais dessa experiência de travessia de fronteiras. Durante uma visita à ilha grega de Lesbos, em 2016, Hamilakis encontrou vários sítios arqueológicos, alguns ainda com traços olfativos de pessoas em fuga. Os numerosos vestígios de passagem da fronteira, recolhidos nas praias da ilha por voluntários e pelas autoridades municipais, vêm se tornando um patrimônio espetacular e obscuro, sendo visitado por turistas e outras pessoas (Figura 4).

**Figura 4** - Cemitério de “coletes-salva vidas”, próximo a Molyvos, na ilha fronteiriça grega de Lesbos



Fonte: Hamilakis (2018).

Apesar das dificuldades associadas à instrumentalização de experiências frequentemente assustadoras, dolorosas ou trágicas – como testemunhar os cemitérios informais e improvisados nas ilhas fronteiriças mediterrânicas, com as suas sepulturas simples e anônimas – Hamilakis (2018, p. 518) acredita que os arqueólogos têm muito a contribuir no contexto atual, trazendo conhecimentos sobre materialidade e temporalidade.

Uma etnografia arqueológica eticamente e politicamente sensível da migração forçada contemporânea não só é possível como também necessária e urgente. Isto envolveria não só o registo dos restos materiais encontrados, mas também, e talvez o mais importante, estar presente, testemunhando, divulgando informação e experiência a outros, elevando a consciência, dirigindo a atenção sensorial para as materialidades e afetividades que ou passam despercebidas ou são propositadamente reprimidas. Ao mesmo tempo, isto implicaria entrar em diálogo com migrantes e atravessadores de fronteiras, compreender as suas próprias sensibilidades materiais e temporais, as suas próprias percepções e práticas sobre o tempo e a matéria, as suas próprias arqueologias (Hamilakis, 2016, p. 681).

Não se trata apenas de uma Arqueologia do Presente, mas de uma abordagem que considera os efeitos políticos de diferentes tempos e os materiais históricos que nos rodeiam e que precisam ser ouvidos. É primordial que passemos de uma Arqueologia colonial ou nacional, com um discurso simplista, supostamente pós-colonial, que abraça a diferença e a pluralidade, para as arqueologias decoloniais, que reconhecem que a descolonização é um processo contínuo e não um objetivo que foi ou será alcançado a qualquer momento. Essas arqueologias reflexivas se esforçam continuamente para descolonizar suas próprias ontologias, discursos e práticas, bem como para se posicionar de forma crítica nos campos de batalha do presente (Hamilakis, 2018).

## Conclusões

De acordo com González-Ruibal (2006, p. 122), a diferenciação entre o passado e o presente deve ser vista como um quadro complexo, que entrelaça uma mistura de objetos de variadas temporalidades. Nesse contexto, a etnografia arqueológica se torna um caminho de transformação mútua, exigindo que *escavemos* a nossa própria subjetividade coletiva e nossa cultura disciplinar. Ao mesmo tempo, tais processos devem estar sintonizados com a natureza multissensorial da experiência, envolvendo tanto “investigadores” como “interlocutores” (Hamilakis, 2018, p. 519).

Ao longo da história, o Mediterrâneo tem sido palco de mobilidades, entrelaçado com a cultura material resultante da ação entre pessoas e ambiente. Desde a Antiguidade, muitos aspectos mudaram, como a questão da navegação e das razões dos trágicos acidentes marítimos. Assim como os objetos do contexto antigo – como ânforas, barcos e/ou velas e aspectos relacionados ao comércio, alimentação e religião – são essenciais para se compreender as sociedades antigas e compor um quadro mais próximo das reflexões arqueológicas. As emblemáticas contemporâneas e o uso da Etnoarqueologia podem aprofundar ainda mais essas questões, sejam elas interligadas com a construção de memórias de habitantes locais e sua percepção do meio ambiente ou com questões mais urgentes e globais, como o contexto de migração de refugiados, exposto por Hamilakis. Ao mesmo tempo em que esse mar atua como um meio de sobrevivência, locomoção e construção de memória, também é visto como rota de fuga de milhares de refugiados que enfrentam situações extremas em seus locais de origem.

## Referências

### Documentação textual

- EURÍPEDES. Electra. Tradução de Roosevelt Rocha. *Revista do Laboratório de Dramaturgia*, v. 11, Ano 4, 2019.
- HERÓDOTO. Histórias: livro VIII. Tradução José Ribeiro Ferreira e Carmem Leal Soares. Lisboa: Edições 70, 2002.
- HERÓDOTO. *Histórias*: Livro II. Tradução Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

### Obras de apoio

- ARNAUD, P. *Les routes de la navigation antique: itinéraires en Méditerranée*. Paris: Éditions Errance, 2005.
- BRAUDEL, F. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. Rio de Janeiro: Dom Quixote, 1983.
- BROODBANK, C. *The making of the Middle Sea: a history of Mediterranean from the beginning to the emerge of Classical World*. London: Thames & Hudson, 2013.
- CERQUEIRA, F. Va. Mobilidades, contatos e colonização na Antiguidade Grega. *Cadernos do LEPAARQ*, p. 71-75, 2018.
- CLEMENT, R. W. The Mediterranean: what, why, and how. *Mediterranean Studies*, v. 20, n. 1, p. 114-120, 2012.
- CONSTANTAKOPOULOU, C. *The dance of the islands*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- CRAVEIRO, R. ONU pede ação urgente e decisiva para evitar tragédias no Mediterrâneo. *Correio Brasiliense*, 17 jun. 2023. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/mundo/2023/06/5102369-onu-pede-acao-urgente-e-decisiva-para-evitar-tragedias-no-mediterraneo.html>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- DUPRAT, P. P. As ânforas e a containerização de produtos no Mediterrâneo. *NEARCO-Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo*, v. 10, n. 1, p. 160-184, 2018.
- GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. De la etnoarqueología a la Arqueología del presente. In: SALAZAR, J. et al. (ed.). *Mundos tribales: una visión etnoarqueológica*. Valencia: Servicio de Publicaciones de la Diputación de Valencia, 2009. p.16-27.



- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. The past is tomorrow. Towards an Archaeology of the vanishing present. *Norwegian Archaeological Review*, v. 39, n. 2, p. 110-125, 2006.
- GORDON, M. J. Insularity and identity in Roman Cyprus: connectivity, complexity, and cultural change. In: KOUREMENOS, A. (ed.). *Insularity and identity in the Roman Mediterranean*. London: Oxbow Books, 2018.
- GRAS, M. *O Mediterrâneo arcaico*. Lisboa: Teorema, 1998.
- GUARINELLO, N. L. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano, um ensaio. *Mare Nostrum*, ano 2010, v. 1.
- GUIA GEOGRÁFICO. Mar Mediterrâneo. Disponível em: <https://guiageografico.com/mapas/mapa/mapa-mediterraneo-fisico.jpg>. Acesso em: 07 ago. 2024.
- HAMILAKIS Y. Decolonial archaeology as social justice. *Antiquity*, v. 92, n. 362, p. 518-520, 2018.
- HAMILAKIS, Y. Decolonial archaeologies: from ethnoarchaeology to archaeological ethnography. *World Archaeology*, v. 48, n. 5, p. 678-682, 2016.
- HODOS, T. Balancing macro-and micro-scales in global-context understanding. *Archeological Dialogues*, v. 29, n. 1, p. 21-23, 2022.
- HODOS, T. *The archaeology of the Mediterranean Iron Age: a globalising world c. 1100-600 BCE*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- HORDEN, P.; PURCELL, N. *The corrupting sea: a study of Mediterranean history*. Oxford: Blackwell, 2000.
- JOURDAN, C. A. Sob as ondas e tempestades: os epitáfios sobre a morte no mar e no imaginário grego. In: SOUZA, C. D.; SILVA, M. A. O. (org.). *Morte e vida na Grécia Antiga, olhares interdisciplinares*. Teresina: EDUFPI, 2020.
- LABECA – Laboratório de Estudos sobre a cidade antiga. s.d. Disponível em: <http://labeca.mae.usp.br/>. Acesso em: 07 ago. 2024.
- LABECA. *Siracusa, Cidade Antiga*. 02 ago. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=D-NJBb\\_7vBc](https://www.youtube.com/watch?v=D-NJBb_7vBc). Acesso em: 07 ago. 2024.
- MAYÉN, E. C. Un texto en tres duraciones: Braudel y el Mediterráneo. *Temas antropológicos: Revista Científica de Investigaciones Regionales*, v. 34, n. 2, p. 155-178, 2012.
- MEDITERRANIAN POLITICS. *About this journal*. s. d. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/journals/fmed20/about-this-journal#aims-and-scope>. Acesso em: 07 ago. 2024.
- SILVA, F. A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. *Métis: história & cultura*, v. 8, n. 16, p. 121-139, 2009.
- SILVA, G. V. *Os antigos e nós: ensaios sobre a Grécia e Roma*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino à Distância, 2014.

TORRES, R. *et al.* Mapeando em profundidade: a integração de técnicas digitais para a pesquisa arqueológica de sítios de naufrágios históricos. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 11, n. 1, p. 107-134, 2017.